

RESUMOS

A Rede Ryukyu no Século XV e no Início do Século XVI

A conquista de Malaca por Albuquerque em 1511 é habitualmente considerada como um ponto de viragem na história do Sudeste Asiático. Um dos grupos de mercadores asiáticos expulsos de Malaca após a tomada desse porto pelos portugueses foi o dos comerciantes de Ryukyu. Este trabalho descreve a sua rede de comércio com o estrangeiro e o seu gradual desenvolvimento no século XV e nas primeiras décadas do século XVI. As actividades comerciais de Ryukyu estavam então centralizadas em Naha, a capital de Ryukyu na grande ilha de Okinawa. Dali partiam regularmente navios Ryukyu em direcção à Coreia e ao Japão a Norte, a Fujian a Oeste, e ainda rumo a destinos diversos no Sudeste da Ásia, que incluíam Sião, Patani, Malaca (até 1511), alguns locais na moderna Indonésia e outros. A caminho do sul, os navios de Ryukyu faziam paragens ocasionais ao longo da costa central de Guangdong, na zona da actual Zhuhai, assim como ao longo da costa de Hainan. O comércio com a China Ming, sob a forma de relações de tributo – mas também conduzido em privado, contra as leis e regulamentos da China –, era essencial para a economia Ryukyu. Os segmentos oficiais destas relações em particular estão documentados de forma excelente através de diversos textos, sobretudo o *Ming shilu*. Outra fonte importante é a colecção *Lidai bao'an*, que também relata os contactos de Ryukyu no Sudeste Asiático, etc.. Do Sudeste Asiático, os navios de Ryukyu traziam pimenta, madeira de sapan, ou sapão, e outros produtos tropicais para Naha. Estes eram então transportados até Fujian juntamente com cavalos nativos e enxofre, necessário na China para efeitos militares. Em troca, produtos de fabrico chinês, e outros, eram trazidos no regresso a Naha, tanto para consumo interno como para circular até à Coreia, Japão e Sudeste Asiático. Este trabalho debruça-se em particular sobre os laços Ryukyu-China e as ligações Ryukyu-Sudeste Asiático. Entre outros assuntos, trata as relações ambíguas entre os habitantes de Ryukyu e os seus parceiros/

concorrentes de Fujian. Em certa medida, ambas as redes de comércio se sobrepuseram. Este facto também teve as suas implicações nas actividades de Ryukyu no Sudeste Asiático. Um outro ponto de interesse é a questão do motivo pelo qual as gentes de Ryukyu se retiraram de Malaca, em contraste com alguns chineses que tinham decidido apoiar os portugueses. Por fim, o trabalho dá alguma atenção aos possíveis efeitos dos bem conhecidos conflitos luso-chineses do início da década de 1520, nas redes de Ryukyu e de Fujian.

[Autor: Roderich Ptak, pp. 6-23]

A Colonização Portuguesa em Macau. A Expansão Portuguesa no Extremo Oriente à Luz das Relações e Actividades Marítimas Chinesas e Japonesas

Ao tratar a colonização portuguesa de Macau em 1557, este trabalho centra-se no contexto marítimo internacional do Extremo Oriente nesses anos, com a chegada dos portugueses. Presta particular atenção ao comércio marítimo, ao contrabando e às actividades de pirataria levadas a cabo pelos *haikou* e *wokou* ao longo das costas chinesas, assim como às posições políticas assumidas formalmente pela China e pelo Japão em relação ao comércio marítimo. Na verdade, a fundação da base portuguesa em Macau esteve directamente relacionada com a rede e as rotas internacionais de comércio marítimo, estabelecidas desde tempos remotos pelos mercadores ultramarinos chineses e japoneses. Os portugueses, os primeiros europeus a chegar ao Extremo Oriente no século XVI, tiveram de enfrentar a complexa e múltipla situação internacional dos mares do Extremo Oriente, resultante de acontecimentos históricos anteriores. Assim, na primeira parte, este trabalho analisa brevemente a relação histórica entre a China e o Japão durante o sistema *kanhe maoyi*, com o objectivo de clarificar melhor o contexto marítimo do Extremo Oriente e as posições políticas assumidas pela China e pelo Japão aquando da chegada dos portugueses. Além do mais, o processo

completo e os acontecimentos históricos relacionados com a colonização portuguesa em Macau estiveram intimamente ligados às actividades ilícitas da pirataria chinesa, financiada e apoiada pelos *daimyo* japoneses de Kyushu; uma segunda parte da pesquisa trata as relações ocultas e a cooperação entre os portugueses, os aventureiros marítimos chineses e os seus equivalentes japoneses, assim como as reacções e as medidas defensivas adoptadas pelas autoridades locais chinesas. Na verdade, não foi por acaso que os portugueses chegaram a Tanegashima em 1543, acompanhados pelo famigerado pirata Wang Zhi. Por fim, o presente estudo toma em consideração as estratégias políticas levadas a cabo pelos portugueses, com o objectivo de obter o reconhecimento formal pela dinastia Ming da sua colónia em Macau: a este respeito, o papel não oficial desempenhado pelo Japão, embora de alguma forma negligenciado, foi na realidade muito significativo.

[Autor: Patrícia Carioti, pp. 24-39]

Macau, a China e o Japão: Uma Relação Histórica (Séculos XVI-XVII)

As relações dos chineses com o Japão provinham da mais remota antiguidade. No século V a. C. já há notícias do envio de embaixadas tributárias do Japão à China. Durante um longo período o comércio japonês com o exterior estivera entregue a navegadores coreanos e chineses. A ameaça mongol, contudo, fizera desenvolver a classe marítima nipónica. Nos princípios do século XIV, os japoneses começaram as actividades de pirataria e saque das costas, no Mar da China: aos barchas, os japoneses deram o nome de *wako*, oriundo da bandeira do deus da Guerra que invocavam. O comércio sino-japonês foi, uma vez mais, interrompido oficialmente. Quando os portugueses chegaram ao Japão, em 1542/43, os mares da China eram domínio de saqueadores e piratas das duas nações (Japão e China), sendo assim anos de grande confusão e de grave risco nessa zona. A China continuava a ser um

RESUMOS

elemento importante do comércio japonês, uma vez que o principal negócio dos comerciantes era o da importação de seda e ouro chineses, em troca da prata japonesa. Neste comércio se introduziram os portugueses, tendo Macau desempenhado aí um papel fundamental. [Autor: Leonor Diaz Seabra, pp. 40-53]

O Fim do Sonho Missionário nas Ilhas do Sol Nascente

A partir da análise crítica da obra polémica do Pe. Valentim de Carvalho intitulada *A Apologia do Japão*, concluída em 1617, o presente artigo pretende problematizar e apontar, de forma abrangente, algumas pistas para a compreensão das razões que conduziram à derrocada do projecto ocidental de evangelização do arquipélago japonês, na sequência da expulsão dos missionários católicos europeus e da proibição do Cristianismo, em 1614, pelo poder central das Ilhas do Sol Nascente. As razões de fundo para a irradiação e depois para a irradiação do cristianismo do Japão terão que ser sempre situadas na transição histórico-política que aquele arquipélago sofreu na época, pois “de um relacionamento entre um povo europeu e vários chefes políticos nipónicos passou-se para o convívio entre vários povos ocidentais e um único poder japonês, hostil para com os cristãos”. [Autor: José Eduardo Franco, pp. 54-63]

Os Estudos de História das Comunicações Marítimas da China com o Ultramar

Este trabalho resume o desenvolvimento de um importante ramo das ciências históricas da China: a compreensão das ligações marítimas da China com o mundo exterior, desde a antiguidade ao período Qing, visto pela perspectiva da moderna erudição chinesa, o que inclui pesquisa sobre geografia histórica, relatos etnográficos, histórias oficiais, trabalhos náuticos, cartografia e tratados sobre questões técnicas, designadamente sobre construção de navios. O trabalho, elaborado no início da década de 90, oferece uma equilibrada recolha bibliográfica da pesquisa no século XX, mencionando ainda alguns trabalhos não chineses, por exemplo de Paul Pelliot, que exerceu uma forte influência sobre as

ciências históricas na China. Em geral, segue uma abordagem cronológica. Os trabalhos de Shen Zengzhi (acerca do *Daoyi zhilüe*) e Liang Qichao são considerados em *primo loco*, seguidos de uma breve discussão sobre as muitas edições preparadas por Feng Chengjun, Xiang Da e outros. Próximo do final, são apresentadas com algum detalhe ferramentas modernas, como o *Gudai Nanhai diming huishi*. [Autor: Chen Gaohua, pp. 64-86]

O Horizonte da Piroga Monóxila na China

O tronco de árvore escavado constitui uma das formas mais antigas da construção naval. Os trabalhos da etnografia naval da primeira metade do século XX constataram a extrema raridade da piroga monóxila no espaço chinês. A presença desta embarcação na Europa encontra-se testemunhada desde o Mesolítico, há cerca de dez mil anos, mas, por razões ainda não esclarecidas, pensava-se estar ausente da China. Meio século de arqueologia chinesa veio derrubar esta perspectiva, ficando por definir as condições subjacentes a essa “ausência / presença” um tanto ou quanto enigmática. O exame detalhado dos achados arqueológicos mostra que a ausência no período moderno obedece na verdade a uma variação geográfica e cronológica interpretada pelo autor como o reflexo de uma opção normativa da antiga administração imperial. [Autor: Jean-Yves Blot, pp. 87-101]

Shen cha e Xian cha: O Sobrenatural na Medicina Popular da China do Sul

Além de toda a vasta gama de mezinhas e de práticas terapêuticas, conservadas pela tradução popular de Macau, há ainda a considerar os aspectos não terapêuticos da medicina macaense, que tão valiosa se mostrou como forma de adaptação cultural dos portugueses locais, principalmente ao longo dos três primeiros séculos da história do território. Estes aspectos não terapêuticos podem analisar-se sob três ópticas: pessoal, social e sobrenatural ou mágica. Neste artigo apenas são abordados alguns dos aspectos do domínio mágico-religioso comuns à população chinesa de Macau, onde a

autora os encontrou muito vivos nos anos 1960-1970.

[Autor: Ana Maria Amaro, pp. 102-119]

Um Príncipe Mercador Arménio de Macau no Século XVIII

Matheus Joannes, um arménio, veio para Macau ainda jovem, em 1761, e aí permaneceu até à sua morte em 1794. Como mercador, conseguiu uma grande fortuna.

Aprendemos bastante sobre o homem e o seu dinheiro a partir dos inventários do recheio da sua casa em Macau e dos seus documentos de negócios em Cantão, do seu testamento e dos registos da administração dos fundos das suas propriedades entre 1795 e 1830. A administração da herança do seu filho passou a ser da responsabilidade do tribunal de órfãos. Ao longo dos anos foi utilizada para facultar capital a muitos dos comerciantes portugueses e estrangeiros residentes em Macau.

Matheus Joannes era um homem invulgar, global nos seus interesses e actividades de negócio. Quando faleceu, em 1794, era um dos mercadores mais abastados da Ásia. Embora fosse arménio por nascimento, adquiriu a cidadania portuguesa, o que lhe permitiu fazer parte do selecto grupo dos menos de vinte proprietários de navios de naturalidade portuguesa que controlavam a vida económica de Macau. O seu papel no desenvolvimento do comércio de ópio em Macau tem sido grandemente negligenciado.

A história da sua vida merece ser reconstituída e reconhecida como sendo de grande importância na história económica de Macau.

[Author: Carl T. Smith, pp. 120-129]

Fascínio Oriental e Exílio Timorense: o ‘Diário de Uma Viagem a Timor (1882-1883)’ de Maria Isabel Tamagnini

Maria Isabel d’ Oliveira Pinto da França Tamagnini escreveu entre os vinte e vinte e um anos um extraordinário *Diário de Uma Viagem a Timor*, fixando um demorado itinerário que, entre 1882 e 1883, a levaria de Lisboa a Díli, passando por Singapura e várias cidades da actual República da Indonésia, integrando a comitiva de catorze

ABSTRACTS

peçoas que acompanhavam o seu padraço, major Bento da França, novo governador de Timor. Este *Diário* constitui o único texto feminino português histórico actualmente

conhecido sobre o território colonial timorense, visitado através de uma escrita de diversão organizada verdadeiramente entre fascínios orientais e a dramática

realidade de uma vivida ideia de exílio em Timor.

[Autor: Ivo Carneiro de Sousa, pp. 130-147]

ABSTRACTS

The Ryukyu Network in the Fifteenth and Early Sixteenth Centuries

Melaka's conquest by Albuquerque in 1511 is usually considered as a turning point in Southeast Asian history. One group of Asian traders pushed out of Melaka with the Portuguese takeover of that port were the Ryukyuan. The present paper describes their foreign trading network and its gradual development in the fifteenth century and the first few decades of the sixteenth century. Ryukyuan trade was then centred on Naha, the Ryukyu capital on the large island of Okinawa. From there Ryukyuan vessels regularly sailed to Korea and Japan in the north, Fujian in the west, and various destinations in Southeast Asia. These included Siam, Patani, Melaka (until 1511), some sites in modern Indonesia, and so on. On the way south, Ryukyuan vessels occasionally made stopovers along the central Guangdong coast, in the area of modern Zhuhai, and along the Hainan coast as well. Trade to Ming China, in the form of tribute relations – but also conducted privately, against China's laws and regulations –, was essential for the Ryukyu economy. The official segments of these relations in particular are excellently documented through various texts, especially the *Ming shilu*. Another important source is the *Lidai bao'an* collection, which also reports on Ryukyu contacts to Southeast Asia, etc. From Southeast Asia, Ryukyuan ships would bring pepper, sapanwood and other tropical products to Naha. These would then be taken to Fujian, together with native horses and sulphur needed in China for military purposes. In return, Chinese manufactured and other products were brought back to Naha, either for domestic consumption or for circulation to Korea, Japan, and Southeast Asia. The present paper is especially interested in the Ryukyu-China links and the Ryukyu-Southeast Asia connections. Among other

things it discusses the ambiguous relations between the Ryukyuan and their Fujianese partners / competitors. To some measure, both trading networks overlapped. This also had its implications for Ryukyuan activities in Southeast Asia. A further point of interest is the question of why the Ryukyuan withdrew from Melaka, in contrast to some Chinese who had decided to support the Portuguese. Finally, brief attention is given to the possible effects of the well-known Luso-Chinese clashes in the early 1520s on the Ryukyuan and Fujianese networks. [Author: Roderich Ptak, pp. 6-23]

The Portuguese Settlement at Macao. The Portuguese Policy of Expansion in the Far East, in light of the Chinese and Japanese Intercourse and Maritime Activities

This article deals with the Portuguese settlement of Macao in 1557, focussing on the international maritime context of Far East Asia at the time of the arrival of the Portuguese. Particular attention is paid to trading, smuggling and piracy by the *haikou* and *wokou* along the China coast, and the political positions formally assumed by China and Japan vis-à-vis maritime commerce. In fact, the founding of a Portuguese base in Macau was directly connected to the international maritime trading network and routes, established since ancient times by Chinese and Japanese overseas merchants. As first Europeans to reach the Far East in the 16th century, the Portuguese were confronted with the complex international situation of the Far Eastern seas, the result of historical events. The paper briefly analyses the historical intercourse between China and Japan during the *kanhe maoyi* system, in order to clarify the maritime context of the Far East and the political stances assumed by China and Japan when the Portuguese arrived. The entire process and the historical events connected to the

Portuguese settlement of Macao, moreover, were strictly tied to illicit Chinese piracy, financed and supported by the Japanese *daimyo* of Kyushu. The research therefore, reveals the hidden relations and co-operation among the Portuguese, the Chinese sea-adventurers and their Japanese counterparts, as well as reported reactions and defensive counter-measures adopted by the Chinese local authorities. It was no coincidence that the Portuguese arrived at Tanegashima in 1543 accompanied by the notorious pirate Wang Zhi. Finally, the present study takes into consideration the political strategies pursued by the Portuguese, in order to obtain formal recognition from the Ming dynasty of their settlement at Macao. In this respect, the unofficial role played by Japan was, though somehow neglected, very significant indeed.

[Autor: Patrizia Carioti, pp. 24-39]

Macao, China and Japan: An Historic Relationship (16th and 17th Centuries)

China's relationship with Japan dates back to very distant times. In the 5th century B.C., Japan sent tributary embassies to China. For quite a long time, its foreign trade was entrusted to Korean and Chinese navigators. However, the Mongol threat led to the development of Japan's seafaring class. In the early 14th century, the Japanese began engaging in piracy and sacking along the coasts of the China Sea. Their ships were called *Wako*, named after the flag depicting the god of war, which the Japanese invoked. Sino-Japanese trade was, once again, officially interrupted. When the Portuguese arrived in Japan, in around 1542–43, the seas around China were the domain of pillagers and pirates from both nations (Japan and China), so it was a time of great confusion and high risk in the area. China continued to be an important element in Japanese trade because the main activity of the merchants was the importation of Chinese silk and gold,